

TÉCNICOS ADVERTEM CONGRESSO: BRASIL É NACÃO CHAVE.

Eles explicam por que é importante nos ajudar a superar a crise

375

O Brasil, em meio ao período mais difícil de sua história recente, e no centro da crise financeira mundial, é uma nação chave para os interesses dos EUA, mas o Congresso norte-americano poderá empurrá-lo para uma moratória de seus compromissos. Essa advertência foi feita ontem ao subcomitê do Senado para política econômica internacional por diversos técnicos da administração Reagan e especialistas em assuntos latino-americanos, que criticaram o atraso na aprovação do aumento das verbas dos EUA para o FMI.

O ex-embaixador no Brasil e atual subsecretário de Estado para assuntos Interamericanos, Langhorne Motley, por exemplo, lembrou que não existem apenas problemas econômicos e financeiros no Brasil, "mas também tensões sociais derivadas em grande parte da situação econômica". Ele defendeu, ainda, a concessão do empréstimo de US\$ 1,5 bilhão do Eximbank ao Brasil.

Fred Bergsten, diretor do Instituto de Economia Internacional, por sua vez, afirmou que "vários grandes bancos dos Estados Unidos têm de 50 a 75% de seu capital exposto nesse país. Uma moratória brasileira criaria uma turbulência financeira gigan-

tesca, além de trazer uma extrema privação ao mesmo Brasil".

O brazilianist Riordan Roett, diretor de Estudos Latino-Americanos da Universidade de John Hopkins, recordou que Brasil e Argentina sempre competiram por uma associação com os EUA, mas, depois da Guerra das Malvinas, em 1982, a Argentina se afastou de Washington e incrementou suas relações comerciais com a União Soviética.

O perigo

Para Fred Bergsten, "um dos maiores perigos de se desencadear uma moratória está aqui, no Congresso dos Estados Unidos. Se o aumento da cota do FMI não for aprovado, a política interna poderá levar o Brasil a rechaçar o atual programa de estabilização elaborado pelo Fundo".

Lembrando que, "em troca do compromisso brasileiro de reduzir substancialmente a indexação e os estouros orçamentários, o Fundo fornecerá cerca de quatro bilhões de dólares em novos créditos", Bergsten afirmou que "a viabilidade política interna do esforço-brasileiro-de-ajuste se converteu na questão central".

— Se o Congresso dos EUA rechaçar o

aumento da cota para o FMI, ou adiar sua aprovação, os brasileiros e outros devedores que têm programas com o FMI evidentemente reavaliarão sua situação. Isto poderia levar o Brasil a rejeitar o programa do Fundo, o que arruinaria grande parte do sistema financeiro internacional, tal como o conhecemos — avisou Bergsten.

Riordan Roett também descreveu um panorama sombrio da situação econômica e social do Brasil, lembrando que milhares de crianças estão expostas hoje ao desamparo e à miséria e que a dieta nacional média contém menos calorias que a de 1975.

Roett insistiu que o bem-estar econômico e a estabilidade política do Brasil são assuntos de interesse para a segurança nacional dos Estados Unidos, dada a estreita relação entre Brasília e Washington.

Apesar de todas essas referências à crítica situação social do Brasil, o principal assessor econômico do presidente Reagan, Martin Feldstein, ao participar de um banquete com representantes dos principais bancos internacionais, onde foi discutido o problema da dívida externa do País, apenas recomendou que os brasileiros aumentem suas exportações em 40%.